

A valorização no ensino de Geografia das práticas socioespaciais dos jovens na cidade

Geography teaching appreciation of young people socio-spatial practices in the city

Bruna de Moura

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR, Brasil

bruna5demoura@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8352-7681>

Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR, Brasil

marquiana@unicentro.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4658-3569>

RESUMO

A categoria juventude abarca distintos modos do que é ser jovem, pois não é possível caracterizar a juventude com uma definição universal, já que há uma heterogeneidade presente na vivência juvenil, perpassando contextos e circunstâncias distintas. Diante disso, a juventude deve ser entendida em sua pluralidade. A maneira como o professor se utiliza dos saberes cotidianos adquiridos pelos jovens para promover o ensino de Geografia pode interferir na compreensão deles a respeito da cidade, e no pensamento geográfico que se constrói entre a experiência e os conteúdos escolares. Promover atividades que unam o conhecimento cotidiano dos jovens escolares aos conteúdos escolares traz a possibilidade de produzir significados aos conceitos e conteúdos, e pode potencializar diferentes raciocínios. Nesse contexto, a presente pesquisa busca contribuir com as discussões acerca das práticas socioespaciais de jovens escolares na cidade, verificando como esses jovens, a partir de suas vivências, podem desenvolver raciocínios geográficos integrando conhecimento cotidiano ao conteúdo escolar. O objetivo central do trabalho é descrever as características dos jovens escolares pesquisados e propor sugestões de atividades pedagógicas que o professor pode utilizar para o ensino de Geografia a partir do protagonismo juvenil e da formação de conceitos, visando à formação do pensamento geográfico e desenvolvimento da cidadania. A metodologia da pesquisa integrou análise de questionários e elaboração de propostas pedagógicas para o ensino. Na pesquisa, foram realizadas sugestões de atividades pedagógicas que o professor pode utilizar para o ensino de Geografia a partir do protagonismo juvenil e da formação de conceitos. Esse protagonismo e a formação de conceitos mostram que o papel principal do professor, nessa situação, é criar condições para que os jovens entendam a cidade em que vivem e se reconheçam enquanto sujeitos, ao mesmo tempo em que possam lutar por suas demandas.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Jovens escolares, Práticas socioespaciais.

ABSTRACT

Youth category encompasses different ways of being young because it is not possible characterizing youth with a universal definition, since there is a heterogeneity in the youth experience, passing through different contexts and circumstances. Wherefore, youth must be understood in its plurality. The way in which the teacher uses the everyday knowledge acquired by young people to promote Geography teaching may interfere in their understanding of the city and in the geographical thinking that is built between experience and school contents. Promoting activities that unite the daily knowledge of young students to school contents brings possibility to produce meanings to concepts and contents and might enhance different reasoning. In such a context, this research seeks to contribute for discussions about socio-spatial practices of young students in the city, verifying how young people, based on their experiences, may develop geographic reasoning by integrating everyday knowledge with school content. The main objective of the work is to describe young students' characteristics surveyed and proposing suggestions for pedagogical activities that teacher may use for Geography teaching from the youth as protagonist and the formation of concepts, aiming at the formation of geographic thinking and citizenship development. Research methodology integrated the analysis of questionnaires and elaboration of pedagogical proposals for teaching. In the research, suggestions were made for pedagogical activities that teacher may use for Geography teaching from the youth as protagonist and the formation of concepts. Youth as protagonist and formation of concepts show that the teacher's main role in this situation is creating conditions for young people understanding the city they live in, recognizing themselves as subjects while they are able to fight for their demands.

Keywords: Teaching Geography, Young students, Socio-spatial practices.

1. INTRODUÇÃO

A categoria juventude abarca distintos modos do que é ser jovem. Não é possível caracterizar a juventude com uma definição universal, pois há uma heterogeneidade presente na vivência juvenil que perpassa contextos e circunstâncias distintas.

Turra Neto (2013) entende que a juventude não pode estar presa à faixa etária de indivíduos para ser caracterizada e estudada, pois os jovens de mesma faixa etária muitas vezes vivenciam a juventude de modo diferente. Um dos aspectos que influenciam fortemente o modo de vivenciar a juventude é a espacialidade onde realizam suas práticas.

Desse modo, pode-se notar as diferenças na condição e vivência de juventude por jovens da cidade e jovens da zona rural, e até mesmo de jovens dentro de uma cidade. A vivência da cidade não é a mesma entre jovens que moram em periferias com pouca infraestrutura e aqueles que habitam bairros dotados de equipamentos urbanos variados em relação à educação, lazer e cultura.

Logo, é possível relacionar o conceito de juventude à espacialidade, devido às trajetórias juvenis não serem somente temporais, mas também espaciais, consequência de diversas ações e conexões realizadas no lugar (TURRA NETO, 2013.)

Santos e Chaveiro (2016, p. 82) defendem que “a convivência em um determinado lugar ou território pode possibilitar uma vivência juvenil”. Assim, para compreender a categoria juvenil na atualidade, é necessário levar em consideração o território.

Nesse sentido, também se distinguem a partir do local onde residem, se é em zona rural ou zona urbana, em uma grande metrópole, uma cidade de porte médio ou uma pequena cidade, se é em um bairro que possui maior infraestrutura ou um bairro desassistido. Apesar de apresentar, no geral, maior ou menor concentração de infraestruturas em diferentes bairros, é importante atentar ao fato de que nem sempre o bairro todo é assistido com determinadas infraestruturas. Também, que nem sempre o bairro todo se apresenta carente de infraestrutura, mas em determinados espaços de cada bairro pode haver exceções. Em outras palavras, é preciso muito cuidado com generalizações, uma vez que um bairro pode não apresentar características homogêneas.

O jovem pode viver sua juventude de modos distintos, e a espacialidade em que ele vive e realiza suas atividades é um dos fatores que impacta em seu modo de viver. Também existem experiências distintas na cidade, as quais têm implicações na vida de acordo com a idade, a classe social (renda salarial familiar), de acordo com seu gênero e condição étnico-racial. Para entender essas distinções, torna-se necessário compreender que as cidades são espaços segregados e fragmentados, que abrigam diferentes classes sociais e, conseqüentemente, também possuem diferenças espaciais.

De acordo com Santos e Chaveiro (2016, p. 84),

São múltiplas as faces responsáveis por propiciar espacialidades segregadoras. Entre elas, as mais significativas são as estratificações da sociedade em classes sociais, em que cada classe ou grupo identitário, dentro dos espaços urbanos, têm acessos distintos aos equipamentos urbanos e aos espaços públicos.

De acordo com Waiselfisz (2007), o rendimento econômico encontra-se estritamente relacionado às possibilidades de acesso a benefícios básicos, como educação, saúde e serviços de infraestrutura. Apesar da garantia constitucional de acesso a esses serviços básicos, não é toda a população que usufrui desses direitos, pois as próprias cidades são fragmentadas, os equipamentos urbanos não se encontram bem distribuídos, e a cidade não abriga homogêneas as diferentes classes sociais.

Quando se trata de fragmentação, nos estudos de Souza (2008) fica claro que fragmentos são partes, são frações que não possuem conexão entre si ou que possuem pouca conexão entre si, e se trata de algo maior do que apenas um processo de diferenciação.

Nesse sentido, enquanto participantes da sociedade, os jovens também sofrem com o que a fragmentação das cidades provoca, em especial aqueles que pertencem a famílias com menor renda

salarial e que residem em bairros desassistidos de infraestruturas e serviços que contemplem a totalidade da população residente nessa espacialidade. Dessa forma, esses jovens irão carecer de serviços e de estruturas, impactando seu desenvolvimento de modo negativo, no que diz respeito à educação, saúde, cultura e ao lazer.

Por outro lado, jovens pertencentes às camadas mais altas da sociedade, os quais têm acesso à infraestrutura e serviços básicos, estudam nas melhores escolas e universidades e possuem acesso à cultura e lazer, também não estão livres para vivenciar em plenitude a condição juvenil. Muitos desses jovens encontram-se na condição de confinamento na própria casa. De acordo com Rolnik (2015), devido à insegurança e medo da violência nas cidades, tem-se como consequência a mobilidade restrita, em que grupos sociais saem somente de carro para acessarem locais que também são rodeados por muros e câmeras de segurança. Isso faz com que esses jovens, apesar de possuírem condições de acesso à espaços de lazer e a bens e equipamentos urbanos, não podem usufruir disso plenamente. Desse modo, a segregação espacial e a autosegregação apartam os jovens de classes sociais diferentes.

Em síntese, a situação espacial dos jovens pode dificultar ou facilitar deslocamentos intraurbanos, que em muito estão relacionados ao poder aquisitivo, e implicam em quais meios para locomoção serão utilizados, bem como o modo como poderão se apropriar da cidade. Desse modo, o acesso poderá ser integrado, segregado ou autosegregado em relação à cidade, trazendo implicações à sociabilidade juvenil (PIRES, 2016).

Os jovens, ao realizarem suas atividades cotidianas e desenvolverem suas práticas socioespaciais na cidade em que vivem, aprendem aspectos da cidade e do lugar onde habitam. Esse conhecimento cotidiano pode ser mediado pelo professor para ensinar conteúdos geográficos na escola.

Segundo Cavalcanti (2005), o desenvolvimento de um modo de pensar geograficamente mais abrangente requer a formação de conceitos. Portanto, o pensamento geográfico só é construído pelos alunos, de fato, se for encarado como um processo do próprio sujeito, que parte dele mesmo e dele se desenvolve.

Diante do exposto, no ensino de Geografia, deve-se valorizar os saberes espaciais dos alunos, fruto de suas experiências com a cidade, mas ao mesmo tempo buscar, com eles, a (re)elaboração desses saberes à luz dos conhecimentos geográficos (temas, conceitos, categorias de análise). O objetivo é a formação conceitual e de um pensar pela Geografia, o desenvolvimento do pensamento geográfico.

Com base nessas premissas, a proposta deste trabalho se consubstancia no entendimento de que vivenciar a cidade, circular e apropriar-se dela é uma forma de desenvolver o pensamento espacial e geográfico, e a escola pode ser o espaço para problematizar essas vivências. Desse modo, o objetivo central deste trabalho visou a descrever as características dos jovens escolares pesquisados e propor sugestões de atividades pedagógicas que o professor pode utilizar para o ensino de Geografia a partir do protagonismo juvenil e da formação de conceitos.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada com jovens escolares da cidade de Guarapuava-PR, particularmente em quatro escolas públicas que oferecem Ensino Médio.

Os dados apresentados nesta pesquisa são referentes aos questionários de pesquisa aplicados aos jovens escolares no bojo de uma pesquisa mais ampla, realizada pelo grupo de pesquisa Educação Geográfica e Cartografia para Escolares (EducartGEO), intitulado *Educar-se com/na cidade de Guarapuava-PR: práticas socioespaciais da juventude escolar*, financiada pela Fundação Araucária, no período de 2016 a 2021. Também está associado ao projeto de extensão *Guarapuava Educadora: Juventude educando-se na/com a cidade*. O questionário buscou realizar um diagnóstico dos jovens escolares, a partir de perguntas que permitiam conhecer suas características, as de suas famílias, os

espaços que frequentavam na cidade e as referências espaciais que eles possuem. Foram aplicados 112 questionários, precedidos de aprovação pelo Comitê de Ética, e de autorização dos responsáveis dos respondentes a partir da apresentação do projeto e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Este trabalho apoiou-se na perspectiva da cidade educadora, que compreende a cidade como espaço educativo que promove protagonismo da população e forma para a cidadania. No projeto de extensão *Guarapuava Educadora: juventude educando-se na/com a cidade*, além da aplicação dos questionários, cujos dados estão apresentados neste trabalho, várias outras ações foram desenvolvidas com foco no ensino de Geografia a partir da cidade e serviram como base para o desenvolvimento das propostas pedagógicas aqui apresentadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Os jovens escolares, suas características e práticas socioespaciais na cidade

De fato, ser jovem, no Brasil, abrange uma grande complexidade de aspectos. A juventude sofre variações de acordo com a classe social a que os sujeitos pertencem, a geração em que estão inseridos, o gênero, a dimensão étnico-racial e os lugares onde residem. São condicionantes importantes e que interferem na trajetória de vida dos jovens, dependendo das oportunidades que cada um terá ao longo da vida. Com isso, torna-se impossível uma padronização da juventude, uma vez que suas vivências, realidades e experiências são plurais. Nesta pesquisa, não se busca compreender um único modo de ser jovem na cidade de Guarapuava, mas mostrar quem são esses jovens e as complexidades que isso implica.

O que une os 112 jovens participantes da pesquisa, além da condição juvenil, também é o fato de estudarem em escolas públicas e habitarem bairros periféricos em Guarapuava. Dos 112 jovens, 48 são do sexo masculino e 64 do sexo feminino, com idades de 14 a 22 anos, cuja maioria se enquadra na faixa etária de 15 a 17 anos.

Conforme já exposto, a presente pesquisa apoia-se na perspectiva da cidade educadora, que compreende a cidade como espaço educativo que promove protagonismo da população e forma para a cidadania.

Quando se trata de cidades educadoras, é importante ressaltar que, segundo Cabezudo (2004, p. 13), essa nova dimensão do conceito da cidade faz com que “as ações educativas que têm lugar no quadro de uma cidade educadora deverão integrar o conhecimento e a vivência do meio urbano: suas características, vantagens, problemas e soluções”. Ainda, quando se trata de cidades educadoras,

O objetivo prioritário é, na realidade, formar cidadãos conhecedores de seus direitos e obrigações com respeito à sociedade e que, a partir do conhecimento e da identificação com a própria cidade, empreendam uma ação participativa e transformadora desta (CABEZUDO, 2004, p. 13).

No projeto de extensão *Guarapuava Educadora: juventude educando-se na/com a cidade*, várias ações foram desenvolvidas: palestras sobre juventude, cursos sobre cidades educadoras, além de ações nas escolas participantes, como aplicação de questionários com os jovens escolares, oficinas didáticas de produção de vídeos de curta metragem, aulas de campo na cidade, pesquisas, divulgação de resultados pelos alunos, dentre outras ações. Todas essas ações tiveram como foco o ensino de Geografia a partir da cidade e serviram como base para a análise e implementação das propostas apresentadas nesta investigação.

O acompanhamento sistemático das atividades, mais a análise dos dados e os questionários permitem conhecer quem são os jovens, quais suas práticas espaciais na cidade, quais locais frequentam, quais atividades desenvolvem e suas percepções sobre a cidade, a escola e seus projetos futuros. Essas análises embasaram a elaboração das sugestões de atividades pedagógicas, e uma delas estará apresentada ao longo deste texto.

3.2. Características dos jovens pesquisados

Os jovens, a partir da realização das suas atividades cotidianas de ir para a escola ou para o trabalho, visitar os amigos, circular pela cidade para realizar seu lazer ou outras atividades (como ir ao mercado, padaria ou farmácia, por exemplo), possuem conhecimento do espaço vivido e aprendem aspectos da cidade e do lugar onde habitam.

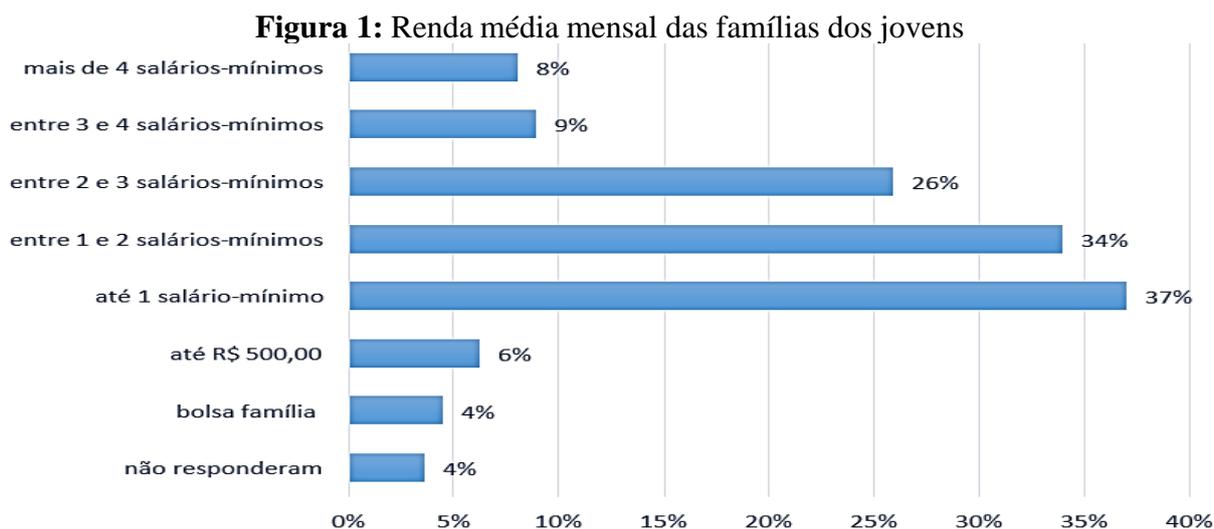
Na pesquisa, foi possível observar que, no tempo livre, os jovens se dedicam a outras atividades: lazer, navegar na internet, assistir filmes e séries, conversar com os amigos, praticar esportes, andar de bicicleta ou skate, dentre outras, conforme a **tabela 1**.

Tabela 1: Atividades de lazer que os jovens realizam em seu tempo livre

Atividade de lazer	Quantos jovens fazem a atividade	%
Sair com os amigos	53	47%
Jogar bola / praticar esportes no bairro	17	15%
Andar de bicicleta / andar de skate	12	11%
Ficar em casa (assistindo, navegando na internet, lendo, etc.)	94	84%
Estudar	25	22%
Ir a danceterias e bares	16	14%
Ir a shows	1	1%
Ir à igreja	1	1%
Ir ao cinema	1	1%
Sair com o(a) namorado(a)	1	1%

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Essas atividades são relacionadas ao lazer, à diversão ou ao ócio improdutivo. Elas podem ser realizadas de modo diferente, de acordo com os extratos sociais dos jovens, a renda média mensal da sua família e as diferenças de acordo com o gênero. Na **figura 1**, tem-se a renda familiar com base no salário-mínimo (valor base do salário-mínimo no ano de 2017, quando os dados foram coletados, era R\$ 937,00).



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Torna-se importante atentar-se para a renda média mensal das famílias dos jovens. Suas condições financeiras podem impactar nas atividades de lazer que eles realizam, uma vez que para ir a lanchonetes, ao cinema e a estabelecimentos privados, exige aporte financeiro nem sempre disponível. Mesmo para o lazer gratuito, como acessar as áreas verdes, como o Parque do Lago ou a

Lagoa das Lágrimas, dois espaços mais frequentados da cidade de Guarapuava, a falta de recursos para o transporte pode ser um fator limitante, sobretudo para os que moram distante desses locais. Por isso, a demanda por uma política de transporte gratuito para os jovens foi uma das levantadas entre os participantes da pesquisa. Essa questão gera certa segregação socioespacial, que conforme Paula (2017, p. 32), configura-se como “manifestação, no espaço, das diferenças e disputas entre os diversos agentes e sujeitos que produzem um espaço urbano e a cidade”. A autora ainda conclui que “as diversas classes sociais se apropriam e usufruem o espaço urbano de uma cidade de forma distinta” (PAULA, 2017, p. 32).

Mesmo a questão financeira sendo importante, para esses jovens, ela não é o único limitante para acesso à cidade, como se observa na **tabela 2**.

Tabela 2: Impedimentos que os jovens possuem para realizar suas atividades de lazer

Impedimento	Quantidade de jovens que sofrem esse impedimento	%
Locomoção	15	13%
Responsáveis não permitem	39	35%
Insegurança e violência	17	15%
Questões financeiras	23	21%
Nada impede	49	44%

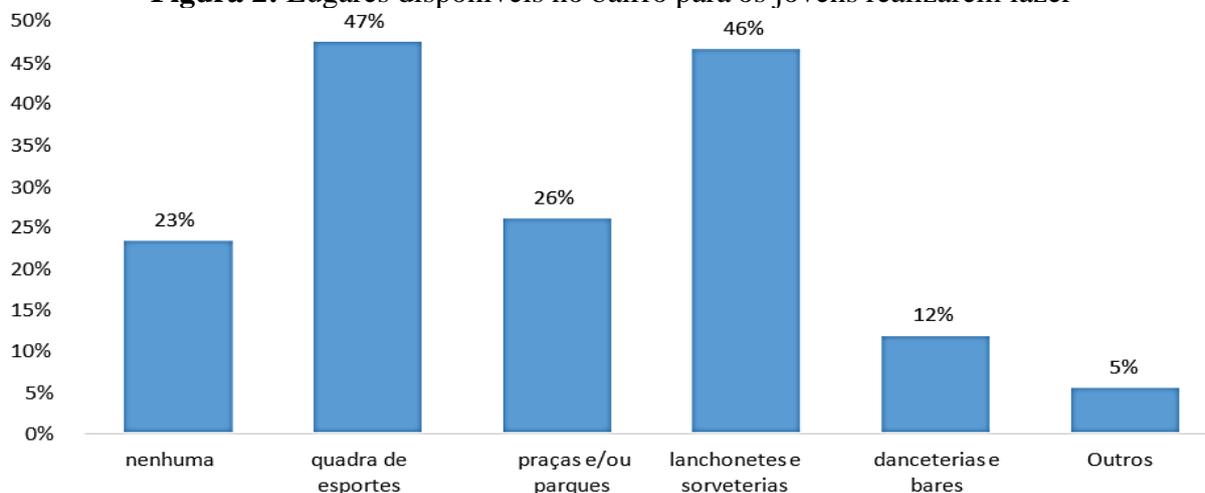
Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Quando questionados a respeito das muitas menções de que nada os impede em relação à circulação na cidade, o questionário indicou que muitos dos jovens escolares pesquisados não saem por opção, porque gostam de ficar em casa (84%), onde podem acessar a internet e redes sociais, e conectar-se a várias pessoas e lugares, inclusive podendo marcar encontros. Além disso, é em sua casa que estão seus livros preferidos, onde podem assistir a filmes e séries de sua preferência e escutar suas músicas. Outro fator que pesa sobre eles é o fato de serem menores de idade e dependerem da autorização e recursos dos pais para atividades externas à casa.

Quando questionados sobre as opções de lazer e que gostariam de usufruir no seu bairro, indicaram quadras de esportes, lanchonetes e sorveterias, praças e/ou parques, danceterias e bares, dentre outras, e 23% dos jovens afirmaram não haver opções de lugares no bairro para realizarem atividades de lazer, como podemos ver na **figura 2**.

Questionados a respeito da quantidade e qualidade das opções disponíveis, 83% dos jovens afirmaram que as opções de lazer não são suficientes para se divertirem, tencionando para a busca em outros espaços da cidade.

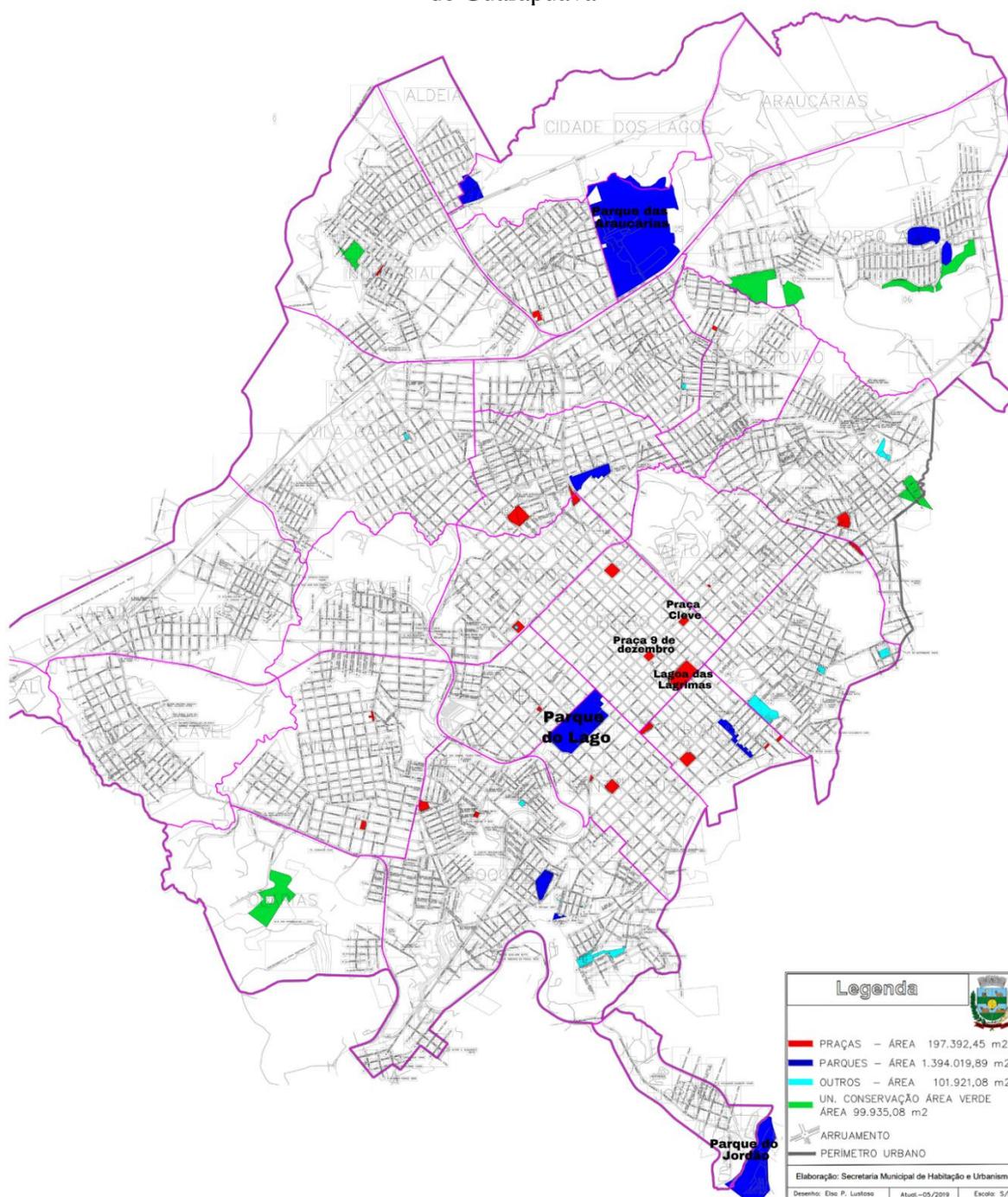
Figura 2: Lugares disponíveis no bairro para os jovens realizarem lazer



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

A **figura 3** mostra a distribuição espacial dos parques (na cor azul), das praças (na cor vermelha), dos ginásios, quadras de esportes e outras áreas de lazer (na cor azul claro) e das unidades de conservação (na cor verde) na cidade de Guarapuava. Percebe-se maior concentração desses espaços e áreas destinadas ao lazer no centro da cidade e nos bairros próximos ao centro, cujos terrenos são mais valorizados e equipados. No bairro Centro estão localizados a Praça 9 de dezembro, a Lagoa das Lágrimas, a Praça Coronel Luiz Cleve (conhecida popularmente como Praça Cleve); e no bairro Santa Cruz está localizado o Parque do Lago, que apesar de não estar localizado no Centro, os jovens se referiam a esse espaço como se estivesse localizado no centro da cidade, pois se localiza próximo ao limite entre o bairro Centro e o bairro Santa Cruz.

Figura 3: Mapa de espacialização dos parques, praças, lazer e unidades de conservação na cidade de Guarapuava



Fonte: Adaptado de CONCIDADE (2016) (GUARAPUAVA, 2016).

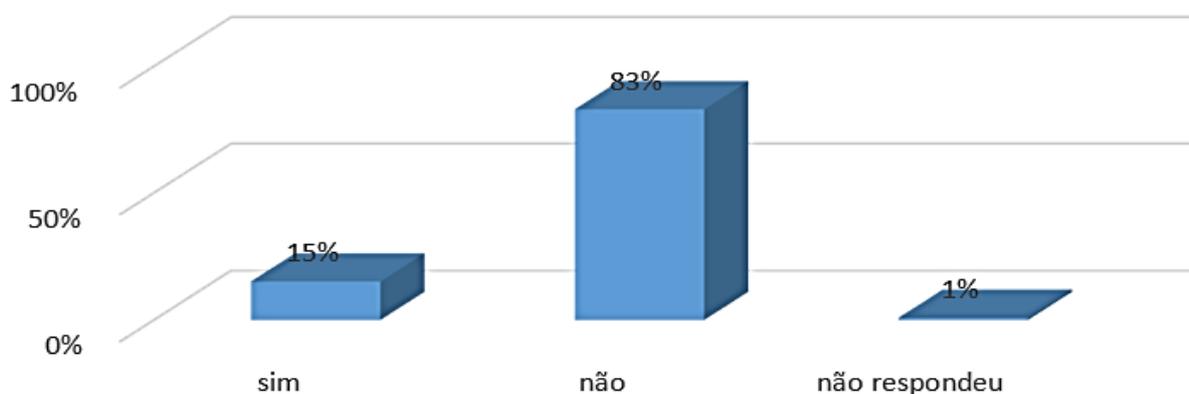
No mesmo mapa, é possível visualizar a menor distribuição ou até mesmo a ausência desses espaços nos bairros mais periféricos da cidade.

Devido a essa heterogeneidade e segregação na distribuição dos espaços de lazer na cidade, os jovens que residem em bairros mais afastados do centro da cidade ou em bairros periféricos, para ter acesso aos espaços públicos de lazer, necessitam se deslocar de seu bairro em direção às áreas centrais. Observa-se, pela **figura 03**, que na porção sudoeste da cidade não há uma só área verde, mesmo sendo o local onde se concentra a maior parte da população de baixa renda, em bairros como Cascavel, Jardim das Américas, Vila Carli, entre outros.

Essa realidade vai ao encontro do que dispõe Paula (2017), em relação às classes populares, para as quais resta uma cidade com menor infraestrutura, com espaços de lazer (parques e praças) não tão bonitos ou não muito conservados, e acessibilidade mais difícil aos lugares estratégicos da cidade.

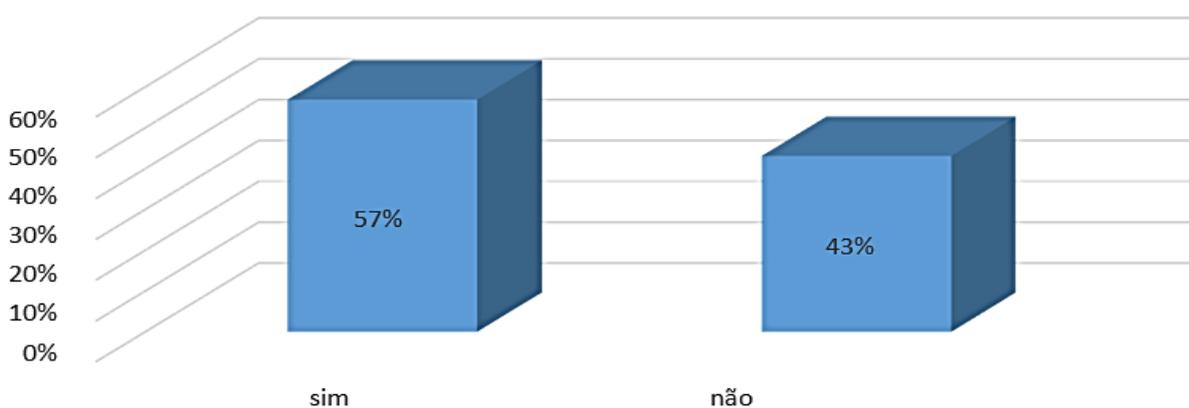
Essa condição não passa despercebida aos jovens, conforme se observa na **figura 4**, que revela que 83% dos jovens participantes da pesquisa acreditam que as opções de lazer disponíveis no bairro em que residem não são suficientes. Isso direciona à **figura 5**, que mostra que 57% dos jovens pesquisados acabam frequentando atividades de lazer fora de seu bairro.

Figura 4: As opções de lazer disponíveis no bairro são suficientes para os jovens?



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Figura 5: Os jovens frequentam atividades de lazer fora de seu bairro?



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Ainda, a **figura 5** mostra necessidade de deslocamento pela cidade para que os jovens realizem suas atividades, para consumir bens, serviços e equipamentos de uso coletivo relacionados ao lazer. Esses deslocamentos, segundo Pires (2016), variam de acordo com a renda dos jovens, com a situação espacial das atividades, e com a dispersão dos equipamentos pela cidade.

Essas práticas e percepções dos jovens sobre a cidade de Guarapuava podem ser o ponto de partida para diferentes atividades e discussões a serem realizadas pelo professor, relacionando-as com conhecimentos geográficos, tais como a produção (e organização) do espaço urbano, a fragmentação da cidade, a segregação socioespacial (e acessibilidade à cidade), as práticas sociais na cidade (a cidade e seus espaços de lazer), entre outras. As próprias percepções e experiências apresentadas podem ser tomadas como parte da problematização do tema urbanização e produção do espaço urbano. Com base nesses dados e com vistas a contribuir com essa questão, na sequência do texto é apresentada uma proposta pedagógica, que pode ser apropriada pelo professor de Geografia, aliando valorização dos saberes experienciais dos alunos ao conteúdo geográfico.

3.3. Atividade: Lugar e Paisagem na cidade

A atividade pedagógica sugerida na proposta está sistematizada no **quadro 1**.

Quadro 1: Atividade da proposta pedagógica

Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none">▪ A cidade e os espaços de lazer;▪ Acessibilidade aos espaços da cidade;▪ Organização do espaço urbano;▪ Segregação espacial na cidade.
Objetivos:	<ul style="list-style-type: none">▪ Analisar a cidade, tendo como ponto de partida o conhecimento cotidiano dos jovens escolares e seus lugares;▪ Pesquisa sobre acessibilidade aos espaços de lazer e limitações de acesso a esses espaços;▪ Compreender como a cidade se organiza e relacionar com o conhecimento cotidiano dos jovens escolares.
Propostas metodológicas:	<ul style="list-style-type: none">▪ Organizar um mapa mental que mostre como os jovens escolares percebem a distribuição espacial, na cidade, dos espaços de lazer que eles frequentam;▪ Confeccionar um mural que contenha fotos de lugares, unidos a textos, que mostrem o que o lugar propicia aos jovens e quais as limitações para acessá-los, caso existam;▪ Aula expositiva para que os jovens escolares compreendam como a cidade é organizada;▪ Produzir mapa conceitual sobre os conteúdos trabalhados para sintetização do conhecimento pelos jovens escolares.
Conceitos:	<ul style="list-style-type: none">▪ Lugar;▪ Paisagem;▪ Espaço.
Avaliação:	<ul style="list-style-type: none">▪ Participação na aula (formulação de hipóteses pelos alunos; exemplos de suas vivências; questionamentos);▪ Desenvolvimento da atividade proposta.
Capacidades e habilidades desenvolvidas	<ul style="list-style-type: none">▪ Percepção das questões da cidade em seu cotidiano;▪ Desenvolvimento da linguagem cartográfica e da imaginação a partir da produção do mapa mental;▪ Promoção de questionamento sobre suas vivências cotidianas e formulação de hipóteses;▪ Desenvolvimento da prática de pesquisa para levantar questões e confirmar ou negar as hipóteses geradas pelos jovens escolares;▪ Produção de reflexão sobre questões locais;▪ Protagonismo dos jovens a partir de pesquisa e levantamento de questões vivenciadas por eles;▪ Desenvolvimento da capacidade de sistematização de conhecimentos e organização do pensamento.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

A partir dessa atividade é possível desenvolver, juntamente com os jovens escolares, o entendimento e a formação dos conceitos de lugar, paisagem e espaço. O conceito de lugar pode ser trabalhado inicialmente a partir do levantamento dos espaços de lazer da cidade que são considerados *lugares* para os jovens escolares. Considerada a dimensão cultural-simbólica em primeiro plano, a partir disso, envolver as questões de identidade, intersubjetividade e trocas simbólicas para o desenvolvimento de imagens e sentidos dos lugares enquanto espaços vividos e percebidos. O professor poderá problematizar a cidade na percepção e significação para os jovens e como isso interfere nas relações que estabelecem com esse lugar (SOUZA, 2018).

O conceito de lugar, segundo Santos (2017), pode ser uma referência importante para o ensino de Geografia, principalmente porque, a partir dele, o professor pode mediar a realidade e o cotidiano dos jovens escolares. Em outras palavras, o professor relaciona noções espaciais dos jovens aos conteúdos escolares para a construção do pensamento geográfico.

Para trabalhar os conteúdos sugeridos neste texto, sendo eles a cidade e os espaços de lazer, acessibilidade aos espaços da cidade e organização do espaço urbano, o professor pode se apoiar na definição de Lévy (2009), de *lugares fortes*, *lugares fracos* e *lugares movimento* para estabelecer a organização da relação dos jovens escolares com os espaços que frequentam. *Lugares fortes* seriam aqueles mais frequentados pelos jovens, seja a casa, a escola ou aquele que o jovem mais vivencia. *Lugares fracos* são aqueles que os jovens frequentam menos, seja o mercado, a padaria, praça, entre outros. Por último, *lugares movimento* seriam aqueles percorridos caminhando, de transporte público ou carro próprio, sendo as vias e trajetos que os jovens percorrem frequentemente, que se tornam lugares para os jovens.

Nesse sentido, ao ensinar a cidade e os espaços de lazer, o professor pode mediar a construção de mapas mentais para que os jovens escolares organizem seus lugares fortes, lugares fracos e lugares movimento.

O mapa mental é uma atividade que possibilita juntar o conhecimento dos espaços de vivência dos jovens com os conhecimentos sistematizados que eles possuem. Richter (2011, p. 133) afirma que, com o resultado dos mapas mentais, é possível alcançar “a construção de produções cartográficas que expõe leituras, interpretações e raciocínios desenvolvidos pelos alunos ao longo de sua formação escolar”. A partir dessa atividade, o professor pode dialogar com os alunos integrando conteúdo escolar aos lugares dos jovens, para que compartilhem pontos positivos e problemas existentes nesses lugares em que vivenciam.

A partir da problematização, há uma contribuição para questionar os jovens escolares sobre as práticas socioespaciais nas paisagens urbanas, também os problemas urbanos que eles vivenciam na cidade (CAVALCANTI, 2014). Assim, o professor pode fomentar o protagonismo dos jovens e pedir para que façam uma pesquisa para a construção de um mural, que deve conter fotos dos lugares da cidade em que jovens escolares praticam suas atividades de lazer, juntamente com um texto problematizando os pontos positivos desses lugares e seus problemas. Nessa atividade, o professor pode explorar o conceito de paisagem, ligado tradicionalmente ao “espaço abarcado pela visão de um observador” (SOUZA, 2018, p. 43-44), mas que não se limita a ele, pois a paisagem também remete a outros sentidos, como olfato, audição, tato. Dessa forma, é possível proporcionar aos alunos a transitarem do sensível e visível ao conceito. Em outras palavras, possibilita que o aluno consiga aprender partindo da particularidade de uma paisagem para contextos gerais, ao analisar a generalidade e outras paisagens.

Outra possibilidade que o professor pode explorar a partir da confecção do mural com os alunos é a análise das diferentes paisagens dos bairros residenciais, da organização dos espaços da cidade, do padrão de qualidade das casas e dos espaços públicos, evidenciando ou não a segregação espacial presente na cidade, reafirmada pelo poder aquisitivo diferenciado da população que reside e acessa mais facilmente diferentes espaços. De acordo com Paula (2017), tais paisagens diferentes que a cidade possui denotam a que classe social que pertencem as pessoas que residem nesses espaços da cidade.

Nessa atividade, o professor também poderá ampliar os conceitos de lugar e de paisagem, e trabalhar com os alunos o conceito de espaço. De acordo com Lefebvre (2000), podemos entender o espaço geográfico como aquele espaço produzido e apropriado pela sociedade. Santos (1996) aponta, em seus estudos, que o espaço é composto pela inter-relação entre sistema de objetos e sistemas de ações. O sistema de objetos é entendido como aqueles naturais, culturais e técnicos; já o sistema de ações ocorre a partir de relações sociais, culturais, econômicas e políticas.

A partir dos mapas mentais e da atividade de pesquisa dos jovens, que resulta na produção de um mural, o professor pode aproveitar os materiais produzidos para trabalhar a acessibilidade aos espaços de lazer da cidade. Conforme a pesquisa realizada com os jovens escolares aqui apresentada, mostra que há limitações para a acessibilidade aos espaços da cidade, tendo como foco os espaços de lazer. Para isso, o professor pode utilizar o mapa da cidade para explorar a localização desses espaços, os quais os jovens já delimitaram nas atividades, e elencar, por exemplo, o que pode limitar esse acesso para a população: seja a distância do local de residência, a ausência ou insuficiência de transporte para acessar esses espaços, seja por questões financeiras, ou pela insegurança e medo da violência. Também é possível relacionar as ações realizadas para que haja participação e acesso pela população a esses espaços.

O professor ainda pode trabalhar o conteúdo de organização dos espaços urbanos, em aula expositiva, buscando a participação dos jovens escolares e promovendo o diálogo para que compreendam como a cidade em que vivem é organizada, e desse modo, generalizar o aprendizado para uma escala maior.

Por fim, o professor pode mediar para que os alunos sistematizem o conhecimento aprendido e os conceitos desenvolvidos nesse processo em um mapa conceitual. Quando utilizado de modo avaliativo, ou nesse caso, de sistematização, o mapa conceitual oferece evidências sobre o conteúdo e a forma de aprendizagem obtida pelo aluno (SOUZA; BORUCHOVITCH, 2010). O mapa conceitual é uma atividade em que o aluno pode sistematizar o conhecimento, mas também que pode visualizar a organização desse conhecimento, compreendendo os conceitos presentes nos conteúdos e nas atividades que foram realizadas a partir de seus conhecimentos cotidianos e dos espaços que vivenciam. Essa sistematização facilita o entendimento, para o jovem escolar, dos conceitos desenvolvidos nas aulas e conteúdos trabalhados, que estão presentes em seu dia a dia, nas suas atividades cotidianas e na cidade em que vivem.

4. CONCLUSÕES

O modo com que os jovens vivem a cidade, circulam, se mobilizam, se apropriam dela, quais espaços frequentam e quais atividades realizam configuram uma forma de desenvolver o pensamento espacial e geográfico. Ao vivenciar a cidade, os jovens estabelecem referentes geográficos que lhes auxiliam nesse processo de desenvolvimento do pensamento geográfico.

Nesta pesquisa, fica evidente que, apesar de as juventudes serem plurais, com vivências, realidades e características diversas, aqui se buscou compreender quem são os jovens escolares participantes da pesquisa - estudantes de escolas públicas e que convivem em uma cidade que oferece oportunidades desiguais, conforme o bairro em que se reside.

A análise de acesso aos espaços da cidade e sua restrição e/ou limitação nos fazem relacionar esse fato ao desenvolvimento do pensamento geográfico, pois para que esse desenvolvimento ocorra, é necessário o entrelaçamento entre a percepção espacial, a análise da realidade e das representações espaciais, o raciocínio geográfico e o desenvolvimento teórico. Podemos identificar que tais restrições e/ou limitações podem impactar no desenvolvimento do pensamento geográfico nos jovens escolares, porque devido à percepção espacial que esses jovens possuem, a interação com o espaço para que se possa questionar, problematizar e interagir com o espaço é algo que não pode ser realizado plenamente.

O desenvolvimento do pensamento geográfico pelos jovens escolares é essencial, pois colabora para que possam compreender, analisar e transformar o espaço, e ainda colabora para que possam contextualizar o seu lugar no mundo, passando a atuar como cidadãos em sociedade. Para que isso aconteça, é importante que o jovem participe desse processo como protagonista, e o professor seja o mediador que, dispondo de intencionalidades pedagógicas claras, pode realizar propostas de ensino que integrem a experiência dos alunos.

A escola pode ser um espaço para problematizar essas questões dos e com os jovens. Uma das formas de colaborar com isso pode ser a formação de conceitos pelos jovens escolares. Para que isso aconteça, é fundamental que o professor conheça quem são os jovens aos quais ensina, entendendo suas espacialidades na cidade e seus referentes espaciais, bem como as dificuldades que eles possuem em circular e se apropriar de espaços da cidade. Em outras palavras, é preciso investigar o conhecimento cotidiano do jovem escolar para que, a partir dele, o professor consiga unir o conhecimento cotidiano aos conteúdos escolares estabelecidos na BNCC (2018), mobilizando-os para a formação de conceitos.

Na pesquisa, foram realizadas sugestões de atividades pedagógicas que o professor pode utilizar para o ensino de Geografia a partir do protagonismo juvenil e da formação de conceitos. Esse protagonismo e conceitos mostram que o papel principal do professor, nessa situação, é criar condições para que os jovens entendam a cidade em que vivem, se reconheçam enquanto sujeitos, e ao mesmo tempo possam lutar por suas demandas. Essa ação do professor, ao realizar tais atividades pedagógicas, tem como objetivo a formação desses sujeitos para a cidadania e para a construção do pensamento geográfico.

É importante, ao desenvolver as atividades, dar aos alunos a autonomia de pensar em temas que são importantes a eles, e a partir disso, fazer com que atuem como protagonistas, desenvolvendo significados aos conceitos utilizados na Geografia escolar ao unir conhecimento cotidiano e conteúdos científicos, mediados pelo professor. A partir dessas atividades, pode-se observar o engajamento dos alunos em cada uma das etapas, pois se sentem valorizados ao mostrar seu cotidiano e seus espaços. Ressalta-se que, ao desenvolver as atividades, foi possível atribuir significados pelos jovens escolares a conceitos geográficos, o desenvolvimento de um pensar mais crítico em relação ao espaço em que vivem e o desenvolvimento da cidadania, quando se reconhecem enquanto cidadãos.

Somente vivenciando a cidade de forma plena e desenvolvendo pensamento geográfico, o jovem torna-se mais crítico em relação ao espaço em que ocupa, e se torna possível mobilizar os jovens a atuarem como cidadãos na cidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CABEZUDO, Alicia. Cidade Educadora: uma proposta para os governos locais. In: GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia (org.). **Cidade educadora: princípios e experiências**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004. p. 11-44.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A metrópole no Ensino de Geografia: o que/ para que/ para quem ensinar? In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; SOUZA, Vanilton Camilo (org.). **Ensino de geografia e metrópole**. Goiânia: América, 2014. p. 27-41.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de vygotsky ao ensino de geografia. **Cadernos Cedes**, [S.L.], v. 25, n. 66, p. 185-207, ago. 2005. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622005000200004>. Acesso em: 30 jan. 2021.

LEFEBVRE, Henri (org.). **A produção do espaço**. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. 476 p. (Primeira versão). Tradução de: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.

LEVY, Jacques. Os Novos Espaços da Mobilidade. **Geographia**, [S.L.], v. 3, n. 6, p. 7, 21 set. 2009. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/geographia2001.v3i6.a13407>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13407/8607>. Acesso em: 15 ago. 2020.

MORE. **Mecanismo online para referências, versão 2.0**. Florianópolis: UFSC: Rexlab, 2013. Disponível em: <http://www.more.ufsc.br/>. Acesso em: 26 set. 2022.

PAULA, Flávia Maria de Assis. A segregação espacial no ensino de Geografia: alguns elementos teórico-metodológicos para seu estudo em sala de aula. In: OLIVEIRA, Karla Annyelly Teixeira de; PIRES, Lucineide Mendes (org.). **Ensinar sobre a Cidade**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2017. Cap. 2. p. 31-44.

PIRES, Lucineide Mendes. Os jovens em busca do direito à cidade: os espaços públicos em questão. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes (org.). **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 93-118.

GUARAPUAVA. Conselho do Plano Diretor de Guarapuava - Concidade. Caderno Temático. **Mapa de praça, parque, lazer, unidade de conservação (área verde) e outros**. 2016. Disponível em: http://www.concidade.com.br/concidade/download/mapas/tematicos_gerais/tgpdf/12.MAPA_PRA_CA_PARQUE_LAZER_OUTROS.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

RICHTER, Denis. **O Mapa Mental no Ensino de Geografia**: concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. 270 p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109202/ISBN9788579832277.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 maio 2021.

ROLNIK, Raquel. **A Guerra dos Lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. 627 p.

SANTOS, Andrea Pereira dos; CHAVEIRO, Eguimar Felício. A constituição das identidades juvenis na metrópole contemporânea: a interface entre lugares e práticas sociais. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes (org.). **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 71-92.

SANTOS, Leovan Alves dos. Elementos Didáticos da Pesquisa para o Ensino da Cidade. In: OLIVEIRA, Karla Annyelly Teixeira de; PIRES, Lucineide Mendes (org.). **Ensinar sobre a Cidade**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2017. Cap. 6. p. 91-106.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. 308 p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 288 p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio- espacial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018. 320 p.

SOUZA, Nadia Aparecida de; BORUCHOVITCH, Evely. MAPAS CONCEITUAIS: estratégia de ensino/aprendizagem e ferramenta avaliativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 195-218, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LyJBCdDvGvdzmn6tRQv5JL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2021.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis: territórios e rede de sociabilidade**. São Paulo: Paco Editorial, 2013. 328 p.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Relatório de desenvolvimento juvenil 2007**. São Paulo: Instituto Sangari, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/rl000007.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2020.



Informações sobre a Licença

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

License Information

This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which allows for unrestricted use, distribution and reproduction in any medium, as long as the original work is properly cited.